

Interface

ESCOLA, FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Mônica Maria Siqueira Damasceno (1)

Antônia Edileusa Carvalho Duarte (2)

Resumo

A interação entre escola e família deve basear-se numa relação recíproca para que se criem condições para o aprendizado da criança. A família constitui-se como peça fundamental no processo educacional, impondo-se como uma variável decisiva no desenvolvimento emocional e de aprendizagem. No entanto, não se constitui como alternativa exclusiva. A escola, e mais diretamente o professor, parecem também possuir papéis relevantes no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Família/escola-professor estão atrelados numa relação de constituição do ser humano, relação esta estabelecida no afeto, cooperação mútua e consciência do papel que cada um deve exercer no processo de construção da aprendizagem. Aprender está vinculado ao ato de educar, e educar não é tarefa exclusiva da escola, dos professores ou dos pais; mas de todos, num processo de educar e educar-se. Este artigo pretende despertar no leitor reflexões acerca da possível relação entre estas instituições, percebendo o quanto esta parceria poderá ser agente promotorial do sucesso pessoal e escolar da criança.

Palavras chaves: Família, Escola, Aprendizagem.

Introdução

O presente artigo discute algumas das questões relacionadas com a dificuldade de aprendizagem, à partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em pauta. A proposta é refletir acerca do papel da família e dos professores enquanto agentes facilitadores desse processo, propondo ao final uma maior interação entre Escola e família como forma de possibilitar maiores ganhos em termos de resultados eficazes para o aluno.

De acordo com Oliveira (2004, p.119), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo primordial conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizam sobre determinado assunto ou fenômeno.

Conforme Trujillo, (1974, p.230) a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto, mas propicia o exame de um tema, sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Em termos de justificativas, visa servir como apoio a educadores interessados no assunto, bem como contribuir com informações para os pais e pessoas que se interessam em conhecer algo mais acerca do papel da família e do papel da escola/professor, promovendo um olhar crítico e reflexivo na questão da aprendizagem significativa.

A família constitui-se em peça fundamental no processo educacional, impondo-se como uma variável decisiva no desenvolvimento emocional e de aprendizagem. Afinal, é junto à família que acontecem as primeiras aprendizagens da criança. No entanto, deve se constituir como alternativa exclusiva. Segundo Marturano *et. al.* (2004), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida, porém, não se deve atribuir a ela toda a carga de responsabilidade pelo desempenho escolar do aluno. As características da criança e da escola também influem no processo. A escola, e mais diretamente o professor, parecem também possuir papéis relevantes no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança.

Para se falar em família e escola, se faz necessário esclarecer algumas questões: qual o papel que cada uma dessas instituições desempenha no processo de aprendizagem, levando em consideração suas responsabilidades e contribuições específicas? Existe uma relação recíproca para que se criem condições para o aprendizado? Qual o momento em que a escola precisa dos pais ou quando os pais necessitam da escola?

Alguns autores como Boruchovitch (2004 p. 109) nos informa que,

Um dos papéis que tanto a escola quanto o professor desempenham, é o de garantir condições que aproveitem da melhor forma possível à capacidade dos processos cognitivos, motivacionais e afetivos, bem como as ações do sujeito, mobilizados pelos próprios sujeitos, nas situações de aprendizagem, em diferentes contextos sociais.

Dessa forma, pensar no processo de aprendizagem é entender também o contexto em que a criança (indivíduo) está inserida, percebendo que o processo cognitivo se desenvolverá tanto no meio escolar e no ambiente familiar, como no meio social. Essa união de fatores resulta num grande número de experiências vivenciadas simultaneamente.

Do mesmo modo, também não seria correto atribuir toda a responsabilidade, isoladamente a escola, no caso do progresso intelectual da criança. Os processos mentais acontecem em casa, na escola, com os amigos, e em todas as situações cotidianas que a criança se encontra. É na troca de experiências que a aprendizagem vai se acontecendo.

Assim, diversos fatores precisam ser levados em conta, num caso de dificuldade de aprendizagem.

Do ponto de vista pedagógico, é necessário avaliar as implicações, e toda a significação da família em termos de atividades, atitudes e comportamento do aluno em sala de aula. Muito do comportamento da criança em sala de aula pode ser decorrente do que ela vivencia em casa, seja ausência do pai, da mãe, fator financeiro, carência de atenção e de afeto, dentre outros.

As dificuldades de aprendizagem muitas das vezes pode não estão relacionadas diretamente a família, mas a fatores advindos do ambiente escolar, tais como: metodologia inadequada, relação professor/aluno desgastante e ineficaz, ambiente pouco estimulante, etc. Sendo assim, o papel da escola (professor) é manter-se vigilante e preocupar-se em investigar essas dificuldades, bem como, se necessário, reinventar novos meios de ensinar, estimulando tanto o processo cognitivo quanto despertando o lado afetivo do aluno.

Dewey (1959, apud SILVEIRA,2002), enfatizou que a vida e a educação são dimensões semelhantes. Sendo assim, a educação não pode se limitar à sala de aula ou as tarefas caseiras, mas ele também aprende no seu dia-a-dia cotidiano. O aluno precisa despertar para o querer aprender sempre mais e isso a escola deveria incentivar.

Observe-se que, se o professor não conseguir realizar satisfatoriamente o seu trabalho, haverá um reflexo direto no aluno, que passa a não corresponder com a motivação necessária para que aconteça o processo de aprendizagem.

O tópico a seguir nos guiará sobre as definições que balizarão as reflexões deste estudo.

Entendendo o que é aprendizagem e suas dificuldades

Quando se fala em aprendizagem, a primeira coisa que se vem à mente é a sala de aula e os conteúdos que ali são apresentados, esperando-se que ensinem e que o que foi ensinado seja aprendido. Em alguns casos, aprendidos, mas não apreendidos. Se um aluno conseguir “reproduzir” o que foi dito em sala de aula, alguns consideram que houve aprendizagem.

Há inúmeras definições para aprendizagem, entre elas, (SARA PAIN 1985, apud WEISS,2002), caracteriza a aprendizagem como um processo no qual existe uma transmissão de conhecimento, feito por um mediador (ensino). Neste caso, o papel do aprendiz é o de reconstruir o conhecimento, por intermédio de um esforço pessoal e próprio.

Isso é o que normalmente se espera, mas nem sempre o aluno consegue construir esse conhecimento, pode haver fatores conhecidos ou não pela família ou pela escola que podem estar interferindo nesse processo.

O termo aprendizagem não pode estar vinculado apenas às de conhecimento. É importante ressaltar que aprendizagem é um processo do dia-a-dia, no qual o indivíduo está constantemente aprendendo, ou seja, mudando o comportamento, saindo de um estágio para outro e realizando algo que até então não conseguia dominar ou não conhecia. A aprendizagem deve ser considerada um processo tanto individual, quanto social.

Alguns fatores que interferem no processo de aprendizagem, são citados por Assunção e Coelho (1997, p. 23). São eles:

- Fatores orgânicos: Saúde física deficiente, falta de integridade neurológica (sistema nervoso doente), alimentação inadequada, etc.;
- Fatores psicológicos: inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição, etc.;
- Fatores ambientais: o grau de estimulação que a criança recebeu, desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação, etc.

Além desses fatores citados pelos autores, também há que se considerar um ambiente escolar e um contexto familiar favorável. O conhecimento de todos esses fatores ajuda ao professor escolher o melhor método para apresentar os conteúdos e avaliar os resultados do que foi ensinado. De acordo com Barbosa (2006, p. 15) “A aprendizagem decorre da ação do aprendiz sobre o mundo e dos elementos deste mundo que age sobre ele”.

Algumas das crianças com quem lidamos diariamente nas salas de aulas possuem algum tipo de Dificuldade de Aprendizagem-DA,. Uma DA pode se manifestar num determinado momento da vida de uma criança por algum motivo específico e ser passageira. Barbosa (2006, pág. 54), diz que, “a presença de um obstáculo no processo de aprendizagem não indica a existência de dificuldades permanentes, mas sim, a forma que o sujeito encontrou de auto-regular seus esquemas de aprendizagem”.

As DAs deverão ser investigadas, pois as causas podem ser as mais variadas, e entre elas podem se encontrar no fator família/escola. Entende-se por Dificuldade de Aprendizagem “qualquer dificuldade de memória, de percepção, de recepção, de integração ou de emissão da informação” (BARBOSA, 2006, pág. 51). Os problemas de aprendizagem podem ocorrer durante o período escolar e se manifestar em situações diferentes para cada aluno, o que exige uma maior atenção e conhecimento sobre as suas causas.

Mazarakis (2006) diz que uma criança é dita com Dificuldade de Aprendizagem, quando apresenta desvios de expectativa de comportamento do grupo etário a que pertence, ou seja, quando ela não está ajustada aos padrões da maioria desse grupo e, portanto seu comportamento é perturbado, isso é, diferente dos demais.

Uma indagação nos vem a tona: que padrões são esses que devem ser seguidos? Uma das respostas encontra-se na Teoria do Conhecimento, ou seja, nos estágios do desenvolvimento de Jean Piaget, que trata das etapas de evolução dos esquemas. Segundo o autor, para cada faixa etária ou estágio em que a criança se encontra, espera-se que ela esteja apta a desenvolver algo para o qual ela já possui maturação. Dessa forma, para que um professor possa investigar se um aluno possui algum tipo de dificuldade na aprendizagem, faz-se necessário que, primeiro, ele tenha o conhecimento das características evolutivas e comportamentais do desenvolvimento infantil, as quais poderiam caracterizar como normais.

É comum se ver pais, escola e professores exigirem das crianças mais do que elas são capazes de expressar, onde alegam que, por essas crianças possuírem a mesma idade ou estarem na mesma série escolar, deveriam possuírem as mesmas condições de realizar atividades, exatamente da mesma forma. Essa forma errônea de conceber a criança, não reconhece que os indivíduos são únicos nas suas peculiaridades, que cada um possui um ritmo e um processo de maturação próprio. E que é preciso paciência e sabedoria para aguardar que maturação aconteça naturalmente.

Hunt (2006) coloca com muita ênfase que, pais e professores, pressionados por seus chefes e calendários oficiais, exigem que as crianças obedeçam um ritmo que, nem sempre é o ritmo natural dessas. O autor acredita que as crianças não diferem das rosas em seu desenvolvimento. Estas nascem com a capacidade e o desejo de aprender e aprendem em ritmos diferentes e de modos diferentes. Caso os adultos consigam entender suas necessidades, proporcionando-lhes um ambiente seguro e propício, as crianças irão desabrochar cada uma a seu tempo.

Desse modo, respeitar a individualidade de cada criança, bem como o processo de maturação, é contribuir significativamente para o seu processo de desenvolvimento. Este tipo de postura, acompanhada do apoio dos pais, poderá conduzir a solidificação de uma aprendizagem efetiva. Para entender melhor o papel da família no desenvolvimento da criança, teceremos algumas reflexões a seguir.

Reflexão acerca do papel da família

Primeiramente observemos o conceito de família, que segundo Szymanski (2001), se estabelece a partir da decisão de convivência de algumas pessoas, que assumem a decisão de uma ligação duradoura que inclui, dentre outras coisas, o cuidado mútuo entre os adultos e as crianças que venham a se agregarem ao grupo.

A primeira consideração a ser feita é que existem vários modelos de famílias: o modelo tradicional de família nuclear (pai, mãe e filhos), família nuclear burguesa, famílias das classes trabalhadoras, famílias matriarcais, famílias liberais, entre outras. Não existe uma definição única para família, ou um modelo ideal. Cada uma possui sua especificidade e uma visão própria acerca do papel que ela representa. É preciso conhecer um pouco sobre a função da família, na educação dos filhos, e de como essa educação pode refletir no processo de aprendizagem.

A família, enquanto instituição social responsável pela formação do indivíduo em seus primeiros anos de vida, assume um papel de um ambiente educacional na qual são aprendidos, tanto hábitos básicos como sorrir, brincar, falar, como hábitos mais complexos e elaborados como o de relacionar-se com as pessoas (Coll, Marchesi e Palacios , 2004).

O que se percebe normalmente, é que o papel de cuidar e educar recai sobre a mãe, principalmente pelo fato dos homens de algumas famílias entrarem e saírem com uma frequência razoável. Assim, além do educar e cuidar, a mulher fica com função de manter materialmente sua família, afastando-a de um acompanhamento mais próximo do seu filho. Aqui não se pretende negar o papel do pai enquanto educador, visto que a grande contribuição deste é inegável no desenvolvimento da criança.

Então, como perceber se a educação que determinada criança está recebendo influencia na aprendizagem? Partindo do pressuposto que a função da família é propiciar um ambiente saudável, equilibrado, harmonioso e afetivo, na ausência desses elementos pode-se cogitar um prejuízo na aprendizagem da criança.

O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, mostra a família, como o primeiro lugar onde se cria condições para desenvolver os direitos fundamentais da criança e do adolescente, que seriam o direito a vida, saúde, liberdade, respeito a dignidade, a convivência familiar, a educação, esporte, cultura e lazer (títulos I e II do ECA)

O mais comum é atribuir à escola, a responsabilidade da aprendizagem, pois afinal esta é a razão da existência da escola. Trata-se de uma forma errônea de se pensar a educação. Não se pode exigir de uma criança, aprendizagem escolar se ela não vivencia na sua vida familiar, as condições necessárias para o seu desenvolvimento como pessoa.

A função da família não se restringe apenas em prover bens materiais ou colocar a criança na escola, sua ação deve se fazer sentir também no envolvimento afetivo e na valorização da criança enquanto ser humano. Pode-se dizer que quando a família assume realmente seu papel na educação dos filhos, a aprendizagem torna-se uma consequência.

O papel da escola e do professor como agentes facilitadores no processo ensino-aprendizagem

Depois da família, a escola é uma das instituições mais antigas onde se delega a responsabilidade do educar. Mas, o que se entende por escola? Qual sua definição? Nos dicionários Melhoramentos, Silveira Bueno e Aurélio, respectivamente, encontra-se algumas respostas: “Estabelecimento em que se ministra ensino de ciências, Letras ou artes; Conjunto dos alunos e professores; Estabelecimento de ensino; O que é próprio para instruir, para dar experiência”.

Diante das definições encontradas acerca de escola, depara-se com a ausência de explicações que apresente o verdadeiro sentido de escola. Então, buscando um sentido mais amplo, Bock *et all* (1999), propõe que: a escola corresponde a uma das mais importantes instituições sociais, onde sua relevância está atrelada à mediação entre indivíduo e sociedade, através da transmissão de cultura e com ela modelos sociais de comportamento e valores morais.

O papel da escola tende a evocar em nós educadores as seguintes reflexões: Será a escola um local onde se colocam as crianças simplesmente para aprender conteúdos? Que relação pode-se estabelecer entre aprendizagem e educação? A escola existe para educar ou para ensinar?

A escola, ao longo do tempo, passou por várias abordagens, dentre essas a abordagem tradicional, a comportamentista, a humanista, cognitivista e a sócio-cultural.

Vejam o que Mizukami (1986) fala a respeito de cada uma:

- Tradicional: a escola é o lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe, em sua maior parte, a um processo de transmissão de informações em sala de aula e funciona como uma agencia sistematizadora de uma cultura complexa;

- Comportamentista: a escola é considerada e aceita como uma agência educacional que deverá adotar forma peculiar de controle, de acordo com os comportamentos que pretende instalar e manter. Cabe a ela, portanto, manter, conservar e em parte modificar os padrões de comportamentos aceitos como úteis e desejáveis para uma sociedade;

- Humanista: a escola respeita a criança tal qual é, e oferece condições para ela possa desenvolver-se em seu processo de vir-a-ser. É uma escola que oferece condições que possibilitem a autonomia do aluno.;

- Cognitivista: a escola deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação motora, verbal e mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sócio-cultural e inovar a sociedade. Deve ser algo que possibilite ao aluno ter um interesse intrínseco a sua própria ação. Segundo Piaget, a escola deveria começar ensinando a criança a observar”;

- Sócio-cultural: na ótica de Paulo Freire, que foi quem mais difundiu esta abordagem, com sua preocupação com a cultura popular, diz que “... a escola deve ser um local onde seja possível o crescimento mútuo, do professor e dos alunos, no processo de conscientização, o que implica uma escola diferente de que se tem atualmente, com seus currículos e prioridades.”

Mesmo conhecendo todas essas abordagens, é difícil afirmar que todas as escolas desempenham o seu papel a contento. Tão pouco que a escola hoje é cognitivista ou ainda que permanece tradicional. Apenas, este conhecimento nos ajuda a fazer a opção mais acertada diante do que se pretende em termos educacionais.

Lisboa e Koller (2004, p. 201), colocam que “a escola não é considerada apenas como um espaço para aprendizagem formal ou desenvolvimento da cognição, mas como uma oportunidade fundamental para a socialização de jovens na cultura ocidental moderna”. Assim, o papel central da escola seria o de se constituir num ambiente adequado para o desenvolvimento humano e de suas potencialidades.

No caso do professor, uma das afirmações de Rogers (2001, p. 53) é a de que “ele deverá estabelecer com seus alunos uma relação de ajuda, atento para as atitudes de quem ajuda e para a percepção de quem é ajudado”. Sendo assim, este não deverá restringir-se ao domínio de conteúdos, como se sua única função fosse a de transmitir conhecimentos e esperar que os alunos aprendam, mas sim de estar atento para perceber em que estágio de desenvolvimento em que seu aluno se encontra, impondo-se como agente facilitador da aprendizagem e das relações interpessoais, baseando seu trabalho na confiança, respeito mútuo e afeto.

Pode-se entender que o aluno terá mais estímulo para aprender quando a relação professor/aluno for prazerosa, quando o que lhe é transmitido tem algum significado para ele. O aluno aprende melhor quando participa ativamente do processo de ensino, compreende e é compreendido.

Uma das reflexões feita nesse trabalho foi se a escola veio para ensinar ou educar. A resposta para essa reflexão é que as duas alternativas estão corretas, visto que é na escola onde a aprendizagem deve acontecer, ou seja, os conteúdos precisam ser organizados nas aulas durante o período letivo.

Educar é o ato de transformar, lapidar, cultivar valores, formar não somente a inteligência, mas o espírito também. Vejam o que Maturana(2002, p. 34) fala a respeito disso, levando a uma reflexão acerca do verdadeiro papel da escola/professor:

Para que educar?

Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhece-lo na aceitação e respeito para que o bem estar humano se de no bem estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão.

Esta forma de pensar do autor, reconhece a escola e o professor como agentes facilitadores no processo de aprendizagem. Nesse caso eles existem para conhecer, respeitar, olhar e escutar o aluno, oferecendo o apoio necessário para o seu desenvolvimento, levando em consideração todos os fatores envolvidos nesse processo.

Podemos concluir pois que a escola possui a capacidade de ampliar o universo dos alunos, possibilitando aos mesmos uma capacidade de enxergar sua realidade de um novo ângulo, o que acarretará nos educandos uma mudança dos conceitos anteriormente adquiridos.

Família e escola: integrando possibilidades

A família e a escola constituem-se como duas grandes molas propulsoras no desenvolvimento psicológico, afetivo, cognitivo e social da criança. Embora cada um possua um papel específico, não quer dizer que somente devam trabalhar separadamente.

A falta do conhecimento acerca do papel dessas instituições, ainda dificulta essa uma maior integração entre elas. Szymanski (2001, p. 67), coloca perfeitamente esta situação: ela diz que “é freqüente ouvirmos depoimentos de professores ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são desestruturadas, desinteressadas, carentes e, no caso de comunidades de baixa renda, violentas”. Basear o agir neste tipo de pensamento é criar um grande fosso entre escola e família, é percorrer um caminho onde se sabe exatamente onde vai dar, a lugar nenhum. Porém, esse pensamento não é exclusivo da escola, as famílias também fazem o seu julgamento. Szymanski (2001, p. 69) também nos informa como as famílias vêm a escola:

- Falam, resignadas, de suas dificuldades em conseguir vagas na escolas e não compreendem os procedimentos (datas, prazos) de matrícula. Deixam de reivindicar material didático e atribuem as dificuldades dos filhos a falta de material;
- Questionam as substituições e faltas freqüentes dos professores, mas não podem ir a reuniões pedagógicas porque estas se dão no seu período de trabalho. As vezes não vão para não ouvir os problemas que seus filhos estão causando na escola ou suas dificuldades;
- Encaram as dificuldades dos filhos como um mistério (só a elas?). O que há com suas cabecinhas que não aprendem? Espantam-se que as crianças conseguem fazer troco, mas não aprendem aritmética. Atribuem isso ou a falta de vontade de estudar ou a alguma “doença”.

Observando estas duas posições, estes dois tipos diferentes de pensamento, fica realmente difícil se vislumbrar uma relação harmônica. Porém, sabe-se que isso é possível. Antes, é necessário que ambas passem a perceber o valor e o papel que cada uma representa, sem cobranças, mas na busca de reflexões e proposições que levem a atitudes mais adequadas ao que se pretende em termos de educação e de aprendizagem.

É comum os pais só procurarem a escola quando acreditam que esta não está cumprindo com o seu papel, no caso do filho apresentar notas escolares prejudicadas. A família, nestes casos tendem a culpar a escola pelo fato da criança não estar aprendendo. A Escola, por sua vez, culpa os pais por serem ausentes na educação dos filhos. Essa é uma situação que poderá ser superada através de uma relação dialógica e recíproca, onde ambas as partes possam trocar experiências acerca das dificuldades de cada uma.

Alguns pais chegam a se perguntar como podem ajudar no processo de aprendizagem dos seus filhos, visto que muitos não possuem escolaridade suficiente para acompanharem as tarefas. Nestes casos, Carvalho (2000, apud carvalho, 2004) reflete que, do ponto de vista da escola, o envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos deve representar desde o acompanhamento das tarefas escolares quanto a vigilância às notas e o comparecimento às reuniões da escola. O mesmo deve se dar de forma espontânea, mas a escola pode utilizar-se de mecanismos de incentivo.

Embora Carvalho fale sobre acompanhar as tarefas de casa, isso não implica em o pai ou a mãe fazer a tarefa especificamente, mas sim perguntar por elas, incentivar a criança a fazê-la, perguntar o que aconteceu durante o dia na escola, demonstrar o quanto é importante

seu envolvimento e participação na vida da criança, esse acompanhamento independe de se ter ou não escolaridade.

A troca de informações entre estas duas instituições possibilita a descoberta de situações desconhecidas e esclarecedoras, tanto para a família quanto para a escola, acarretando em um benefício para a criança. Quando os pais participam do desenvolvimento e das atividades dos seus filhos em parceria com a escola, estes tendem a uma maior segurança no desempenhar seu papel.

Trata-se de uma parceria necessária e importante, por fortalecer a responsabilidade individual e coletiva no processo de desenvolvimento da criança e, conseqüentemente na sua aprendizagem.

Freire (1987, pág.68) já nos orientava sobre o assunto quando dizia que: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Neste caso, o autor enfatiza a importância do outro no processo de educação. Assim, a família, a escola e os professores, tornam-se cada vez mais necessários nesse processo.

Considerações finais

Este estudo não tem a pretensão de ser um fim em si mesmo, mas agregar conhecimento a tão vasto tema. Certamente ainda há muita coisa a se investigar a respeito do Processo Ensino-aprendizagem e sobre a contribuição de outros autores aqui não citados.

Tentamos com este estudo acompanhar a evolução das discussões sobre a temática em pauta, de forma a oferecer subsídios para uma atuação mais eficaz da família, da escola e do professor neste processo.

Neste sentido, Maturana (2002, p. 35) reforça nossa discussão, quando coloca que: “Não desvalorizemos nossas crianças em função daquilo que não sabem; valorizemos seu saber. Guiemos nossas crianças na direção de um fazer (saber) que tenha relação com seu mundo cotidiano”. O autor coloca ainda que o aprender está vinculado ao ato de educar, e educar não é tarefa exclusiva da escola, dos professores ou dos pais; mas de todos, num processo de educar e educar-se e reforça: “Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá aceitar e respeitar os outros” (Maturana 2002, p. 30).

Neste sentido, desafia a família e escola a se articularem, de forma que possam desenvolver cada vez mais, formas eficazes de enfrentar as possíveis dificuldades que se apresentem no desenvolver os seus papéis educacionais.

Bibliografia

- ASSUNÇÃO, J. E.; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um dialogo entre a psicopedagogia e a educação**. 2 ed. Ver. e ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente. Edição: 5. ed. rev. atual. --**. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Serviços Gráficos, 2006
- BORCHOVITCH, Evely, BZUNECK, Jose Aloyseo (org.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petropolis, RJ: Vozes, 2004 (p.109)
- BOCK, A. M. B. et all. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999
- KOLLER, Silvia helena; LISBOA, Carolina. Interações na Escola e Processos da aprendizagem: fatores de risco e proteção. In: BORCHOVITCH,. Evely, BZUNECK, Jose Aloyseo(org.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petropolis, RJ: Vozes, 2004. cap. 7, p.201
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de Educação, Gênero e Relações escola-família**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121.pdf>. Acesso em 25 agosto de 2008
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- HUNT, Jan. **Distúrbios de aprendizagem: uma rosa com outro nome**. Disponível em <http://www.members.tripod.com/~helenab/jan_hunt/distapr.htm>. Acesso em 11 nov. 2006
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002
- MARTURANO, Edna M.; LINHARES, Maria Beatriz; LOUREIRO, Sonia R. **Vulnerabilidade e Proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MAZARAKIS, R. R. **Dificuldade de Aprendizagem ou Dificuldades de Escolares**. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br/infantil/aprendiza.html>> Acesso em 11 de novembro de 2006
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Pioneira, 2004.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

SILVEIRA, José de Anchieta. Desmistificando a pesquisa: Proposta pra um Aprendizado Eficaz na Vida Escolar. **Anima Revista da Faculdade Integrada do Ceará- FIC**, Fortaleza, V.1, Ano 2, n.2, p. 57-67, jan./mar. 2002

SZYMANSKI, Heloisa. **A Relação Família/escola: desafios e Perspectivas**. Brasília: plano editora, 2001

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002

TRUJILLO, F, A. **Metodologia da Ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974. Cap. 8.



Sobre as autoras:

- (1) **Mônica Maria Siqueira Damasceno** é Pedagoga e especialista em Saúde Mental. Professora do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri. **E-mail:** siqueiramonica@hotmail.com.
- (2) **Antônia Edileusa Carvalho Duarte** é Especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri e Coordenadora Pedagógica do Centro de Educação e Cultura Machado de Assis – Juazeiro-CE. **E-mail:** edi-carvalho@bol.com.br